

Priscila: como uma reportagem literária pode colaborar para a reflexão social¹

Adriane Amantino MACHADO²

Kamila Giazzon MENDES³

Marliva Vanti GONÇALVES⁴

Universidade de Caxias dos Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

O presente *paper* descreve todo o processo de criação e elaboração da reportagem literária “Priscila”, que foi um trabalho realizado para a disciplina de Telejornalismo II, do curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Comunicação da Universidade de Caxias do Sul. O objetivo da reportagem é mostrar a dura realidade em que vivem alguns adolescentes do nosso país, nesse caso representados por Priscila Cavalheiro, de 16 anos. A presença da sua mãe, Iraci de Fátima Cavalheiro, e de sua professora, Valdema Castilhos na reportagem, endossam o contexto social em que a personagem está inserida. A experiência promoveu grande aprendizado para as duas alunas participantes, aproximando-as da linguagem literária e fazendo-as ter um olhar mais sensível e crítico para a produção de conteúdo audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo literário, Priscila, televisão.

1 INTRODUÇÃO

Produzir uma reportagem telejornalística-literária requer noções básicas sobre o universo do jornalismo. Como conceito, entendemos que a literatura serve, de fato, como fonte de inspiração para a prática da reportagem. O material precisa ser trabalhado com profundidade e com a utilização de recursos de observação e redação literária. O desafio proposto pela professora Marliva Vanti Gonçalves era fazer com que os estudantes explorassem as técnicas televisivas e que produzissem conteúdos de impacto, baseados em fatos reais.

Sempre que o jornalista escrever para a TV, deve lembrar que é um contador de história. Mas não um romancista ou um ficcionista. O jornalista deve “contar” os acontecimentos do cotidiano de uma maneira que toda a sociedade entenda, como se estivesse conversando com uma

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria VI – Rádio, TV e Internet, modalidade RT 02 Programa laboratorial de TV (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 11º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: aamacha1@ucs.br.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: kgmendes1@ucs.br.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: mvgoncal@ucs.br.

pessoa. É para ela que vai transmitir suas informações (PATERNOSTRO, 2006, p. 94).

A grande telerreportagem literária *Priscila* traz o drama da realidade com a relevância da informação. Conta a história da adolescente Priscila Cavalheiro, de 16 anos, que saiu de casa em busca de uma vida nova depois de sofrer nas mãos da mãe e dos irmãos. A ideia é conscientizar sobre o valor da família, da união, do amor entre pais e filhos em um mundo onde a singularidade parece ser requisito básico para a felicidade. Além de Priscila, também foram entrevistadas a mãe dela, Iraci de Fátima Cavalheiro, e sua professora, Valdema Castilhos.

A princípio, a ideia era entrevistar Priscila, sua mãe Iraci, e a vizinha que acolheu a jovem quando ela saiu de casa. Porém, algumas mudanças de roteiro tiveram que ser feitas, uma vez que nem a mãe Iraci queria falar para a reportagem. Depois de a equipe ir uma vez à casa de Iraci e não ser recebida foi necessária a intervenção da diretora da escola de Priscila para convencer sua mãe a falar. A vizinha que acolheu a adolescente acabou saindo da reportagem porque Priscila se mudou, na semana em que a sonora seria gravada, para a casa do namorado.

Para conseguir apresentar esse enredo, a grande reportagem foi trabalhada com a junção da narrativa dramática. Os detalhes concretos foram enfatizados para que os telespectadores pudessem compreender a história. Neste tipo de abordagem, o ponto de vista precisa ser claro. Todo o documentário foi produzido na linha principal de ação da história, a vida da Priscila.

Basicamente, contam-se histórias em Jornalismo Literário. Histórias fortemente centradas na figura humana, célebre ou anônima. Pode-se dizer que, num certo sentido, procura essencialmente retratar e compreender a alma humana através da narração e descrição de conteúdos importantes de suas vidas (LIMA, 2007).

Uma reportagem de cunho literário exige uma produção maior, uma pesquisa bem feita, apuração com diversas fontes e edição mais longa. Foi a história difícil de Priscila, permeada por superação e esperança, que motivou a produção e a execução do trabalho.

2 OBJETIVO

A grande reportagem *Priscila* tem como objetivo a reflexão sobre a realidade das famílias brasileiras. Aborda a falta de estrutura da população carente e os diversos vieses

que a recessão causa. Contando a história da adolescente, o trabalho deseja mostrar que há uma possibilidade de mudança e melhora de vida. A aposta principal para que o objetivo fosse alcançado gira em torno da narrativa literária puramente explorada pela voz dos personagens escolhidos.

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los, ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 125).

Produzir um trabalho que desperte a sensibilidade das pessoas e que ajude a prática da reflexão sobre as dificuldades da vida de uma menina que, por diversos motivos, decidiu morar longe da família, requer uma dedicação ímpar da equipe, além de uma linguagem narrativa específica.

Para Martin (1990), quando há uma intervenção do homem, por menor que ela seja, há mesmo inconscientemente uma influência na obra, conforme a visão particular de cada observador, suas deformações e interpretações. O mesmo pensamento tem Carrière (2006), quando fala que a linguagem cinematográfica é complexa, pois se dirige a cada espectador, particularmente, e a toda a plateia, falando de seu próprio jeito, com seus recursos, ideias e estilos, e ainda com suas limitações e idiossincrasias.

Quisemos provar, através da nossa visão e interpretação desses fatos reais, que as pessoas merecem uma vida digna, não importa sua idade ou condição. Mostrar uma história dramática, sem explorar de forma sensacionalista e errônea as condições precárias da família escolhida.

3 JUSTIFICATIVA

A grande reportagem literária Priscila foi um desafio para a equipe de produção. Normalmente com um caráter sensacionalista, esse tipo de reportagem acaba perdendo a essência e se tornando apenas mais uma história das milhares que existem de famílias que vivem precariamente no Brasil. Mostrar essa realidade de forma sensível e esperançosa se tornou o foco fundamental desse trabalho desenvolvido para a disciplina de Telejornalismo II.

A escolha por uma personagem principal, no caso a Priscila Cavaleiro, foi para que se criasse um enredo interessante, que envolvesse o telespectador, uma vez que a reportagem tem quase dez minutos de duração. Para Sodré e Ferrari (1986) a escolha da ação particularizada em torno de um personagem, que atua durante toda a narrativa, é uma característica da reportagem-conto que, segundo os autores, tem uma estrutura mais orgânica.

Na narrativa literária, o conto costuma ser a forma mais curta; em jornalismo, a reportagem é a mais longa. Mas as duas formas se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como “interesse humano” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75).

Fazer com que as pessoas mantenham o interesse numa reportagem tão longa também é um desafio. Um dos grandes empecilhos nesse processo é a evolução tecnológica. Prender a atenção do telespectador durante tanto tempo, numa época em que tudo é muito rápido, é uma missão que deve envolver um enredo atraente com personagens interessantes. Para Machado (2001), o vídeo deve ser buscado de forma que surja de maneira diferente, respondendo a essas novas necessidades, fazendo com que sejam experimentadas novas experiências. “As novas tecnologias introduzem diferentes problemas de representação, abalam antigas certezas no plano epistemológico e exigem a reformulação de conceitos estéticos” (MACHADO, 2001, p. 24).

Buscar uma linguagem diferenciada do que normalmente se vê na televisão caracteriza o desafio. A professora da disciplina propôs pensar em novos formatos, principalmente no sentido de que a televisão digital permitirá e precisará de conteúdos diferenciados e exclusivos para públicos específicos. Uma linguagem mais poética, buscando referências cinematográficas, foi a escolha das alunas para melhor representar a história da Priscila.

Como bem disse Henry Agel, o cinema é *intensidade, intimidade, ubiquidade*: intensidade porque a imagem fílmica, em particular o primeiro plano, tem uma força quase mágica que oferece uma visão absolutamente específica do real, e porque a música, com seu papel sensorial e lírico ao mesmo tempo, reforça o poder da penetração da imagem; intimidade porque a imagem (de novo através do primeiro plano) nos faz literalmente penetrar nos seres (por intermédio dos rostos, livros abertos das almas) e nas coisas; ubiquidade, enfim, porque o cinema nos transporta livremente no espaço e no tempo, porque ele condensa o tempo

(tudo parece mais longo, na tela) e sobretudo porque recria a própria *duração*, permitindo que o filme flua sem descontinuidade na corrente de nossa consciência pessoal (MARTIN, 1990, p. 25).

O estilo escolhido para a narrativa foi um dos pontos fundamentais para que o telespectador não dispersasse a atenção. Mantendo a curiosidade até o fim, para saber o que acontece com Priscila. São utilizados recursos como trilhas sonoras e sobre sons. A opção foi por não colocar a intervenção das repórteres em *offs*, apenas durante as entrevistas, apenas interferindo com perguntas para as personagens.

Um texto tem força quando arrebatava o leitor e faz com que ele chegue ao fim da narrativa. Os pressupostos para tal resultado estão ligados à seleção de elementos (isto é: omissão ou expansão de pontos) que, combinados em sequência, produzem um efeito. Esse efeito pode ser de ordem emotiva ou racional: qualquer obra pode “pegar” o receptor pela emoção ou pela razão. Nessa captura reside a capacidade de força da obra (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75).

Na reportagem *Priscila*, a intenção foi capturar a atenção do telespectador tanto pelo lado emocional quanto pelo racional. O lado emocional ficou por conta da própria história dramática da adolescente, que saiu de casa por não aguentar mais os maus tratos da mãe e dos irmãos. A parte racional é a da reflexão, ou seja, que o telespectador assista a matéria e se questione sobre o que há de errado com a sociedade e o que pode fazer para ajudar a mudar essa situação. Essa é, inclusive, uma das principais intenções dessa reportagem: fazer com que interfira na ação do receptor e que ele se motive a querer ajudar a mudar essa realidade de alguma forma.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O nome da telerreportagem literária, *Priscila*, foi decidido pelas estudantes Adriane Amantino Machado e Kamila Giazzon Mendes, em parceria com a professora Marliva Vanti Gonçalves. A escolha do nome se deu pela sua simplicidade, já que toda a reportagem gira em torno da vida da adolescente.

Todo o material que foi usado, tais como imagens e sonoras, foi coletado em dois dias de gravação. Para captação do material, além dos tripés, foi utilizado o microfone de lapela. Também duas câmeras, uma JVC D9 analógica-digital, para os planos abertos, e uma Sony PD 150 MiniD, para os planos fechados e closes. A edição da reportagem foi feita não-linearmente, através do Adobe Premiere CS5, pelas estudantes Adriane e Kamila.

Como o tempo da reportagem foi de oito minutos e 45 segundos, a ideia foi intercalar sonoras e sobe som, com imagens do ambiente e das três personagens. Toda a reportagem foi feita apenas com imagens e sonoras, sendo a participação das repórteres secundária, interferindo apenas com as perguntas para contextualizar as respostas. A opção pelo formato parte do entendimento de que, conforme a edição é feita, a história fala por si mesma, sem a necessidade da interferência do repórter em *offs*, por exemplo.

Muitas vezes, quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre a palavra. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção. [...] a imagem é uma linguagem universal, tem um entendimento imediato, e possibilita às pessoas a visão de uma realidade externa àquela em que vivem (PATERNOSTRO, 2006, p. 85).

Para a gravação de *Priscila*, todos os tipos de planos foram utilizados, de forma a mostrar do menor detalhe até o ambiente como um todo (KELLISON, 2007): primeiríssimo plano (parte de um objeto); plano detalhe (close do rosto ou do objeto inteiro); plano médio (torso superior ou parte de um objeto e suas adjacências); plano conjunto (a maior parte do corpo, corpo inteiro ou um grupo de objetos, filmado entre o plano médio e o plano geral); plano geral (corpo inteiro ou grupos maiores de objetos); e grande plano geral (muitos corpos ou tomadas de paisagens).

As demais entrevistadas foram escolhidas para endossar a personagem principal, Priscila, uma vez que ela era o foco da reportagem. Além da adolescente, a mãe, Iraci de Fátima Cavalheiro, e a professora Valdema Castilhos foram entrevistadas. Todas as sonoras foram feitas nos ambientes que fazem parte das suas rotinas, como a casa e a escola.

Duas trilhas sonoras foram utilizadas para dar a identidade da reportagem. Primeiramente, *Cassidy Buxom* deu o tom melancólico que as editoras gostariam, sem que ficasse muito triste, pois a história da adolescente já é dramática. Na sequência, para finalizar a reportagem, foi escolhida a trilha *Aunties Lullaby*, para dar tom de esperança ao final do vídeo. As trilhas utilizadas vieram do site www.freeplaymusic.com.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A ideia da telerreportagem literária, de caráter experimental proposta para uma nova programação de televisão digital, foi sugerida pela professora Marliva Vanti Gonçalves, para os alunos da disciplina de Telejornalismo II do curso de Jornalismo da Universidade

de Caxias do Sul, em setembro de 2013. A equipe executou a atividade em gravações externas, para retratar a realidade da adolescente Priscila, de 16 anos.

A reportagem *Priscila* teve a duração de oito minutos e 45 segundos, sem vinheta inicial nem final, apenas com *dip to black*. Os geradores de caracteres (GC's) foram feitos de modo simples, apenas com o nome das entrevistadas com *cross dissolve* no início e no final dos GC's. A produção, as entrevistas, a captura do material e a edição da reportagem foram realizadas pelas estudantes de Jornalismo Adriane Amantino Machado e Kamila Mendes. As imagens são do cinegrafista Dirceu Borba.

As entrevistadas foram Priscila Cavalheiro, 16 anos, estudante; a mãe Iraci de Fátima Cavalheiro, 42 anos, camareira; e a professora de Priscila, Valdema Castilhos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Érico Veríssimo, em Vila Seca, Caxias do Sul.

A entrevista de Priscila foi feita na casa em que ela mora com o namorado, na comunidade de São Gotardo de Ana Rech, em Caxias do Sul. Neste local, foram feitas imagens dela na rotina da casa e imagens externas de espera, da casa e da rua. Iraci de Fátima foi entrevistada em sua casa, em Vila Seca. Além das imagens internas, também foram feitas imagens externas da casa e da rua, além de imagens de espera. Valdema foi entrevistada em uma sala de aula da escola. Nessa ocasião, foram feitas imagens da Priscila na aula e no pátio com os colegas, registrando sua rotina escolar.

6 CONSIDERAÇÕES

A necessidade da retomada da sensibilidade e do aprofundamento de conteúdos na produção audiovisual é essencial em uma época onde a tecnologia e os processos automatizados estão tomando conta. Manter a atenção do telespectador numa era em que tudo acontece muito rápido e a rotina é corrida é um grande desafio para os novos produtores audiovisuais.

Sendo todo o processo da reportagem feito por alunas de Jornalismo, desde a produção até a edição final do material, o resultado final mostra que é possível trabalhar uma nova linguagem na televisão. Com o advento da televisão digital, isso se fará de maneira ainda mais intensa, pois o telespectador terá a possibilidade de interagir com o conteúdo, escolhendo o que quer ver e quando quer ver. Desta forma, o tempo da reportagem já não será mais um problema, e sim uma maneira de atrair o público para um assunto mais aprofundado e trabalhado.

A telerreportagem literária Priscila superou as expectativas iniciais, tanto das estudantes quanto da professora que orientou o trabalho. Conforme a matéria foi ganhando forma, as alunas que idealizaram o trabalho conseguiram sair da abordagem superficial da história de vida difícil de uma adolescente para uma abordagem reflexiva e crítica.

Falar de vídeo hoje significa colocar-se, antes de mais nada, fora de qualquer território institucionalizado. Trata-se de enfrentar os desafios e as resistências de um objeto híbrido, fundamentalmente impuro, de identidades múltiplas, que tende a se dissolver camaleonicamente em outros objetos ou a incorporar seus modos de constituição. Objeto para o qual faltam ainda espaços de visualização, formatos familiares, mercados definidos, críticos e especializados (MACHADO, 2001, p. 46).

A televisão, por si só, já é um produto rígido por ser tecnológico. É necessário que se humanize essa máquina, para aproximá-la cada vez mais de quem estiver assistindo. Para Carrière (2006), apesar da efervescência técnica que é a marca registrada do cinema, ele desempenha um papel de associações de imagens, emoções e personagens. “[...] sua técnica e sua linguagem particulares permitiram que ele empreendesse notáveis viagens exploratórias, as quais, sem que nós o percebêssemos, influenciaram todas as artes próximas, talvez até mesmo nossa conduta pessoal” (CARRIÈRE, 2006, p. 33). As referências de linguagem cinematográfica que foram escolhidas para a narrativa do vídeo *Priscila* pretendem exatamente isso, influenciar quem está assistindo, fazendo-o refletir sobre o assunto.

Apesar da distância causada pela tecnologia, cada vez mais as pessoas estão procurando uma aproximação e uma humanização dos conteúdos. Essa, em nossa opinião, será a nova missão da televisão. O maior desafio é continuar produzindo reportagens aprofundadas, que desvendem a fundo suas personagens e façam repórter e telespectador refletirem.

A academia é o lugar para experimentações, mas o mercado de trabalho é onde essas experimentações devem ser colocadas em prática, fornecendo conteúdo de qualidade, com caráter reflexivo e crítico para quem irá assistir. É uma missão do jornalista mudar a forma superficial como as histórias estão sendo contadas para ajudar a melhorar as condições sociais da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

KELLISON, Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário no cinema**. Disponível em <<http://www.textovivo.com.br/imprima/edv06.htm>>. Acesso em: 06dez2013.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.